

O NEGRO NA SOCIEDADE JUAZEIRENSE

Cícera NUNES

Universidade Federal do Ceará – UFC

INTRODUÇÃO

Juazeiro do Norte, considerada a “meca do sertão”, em consequência do fenômeno religioso em torno do nome do Padre Cícero, é maior cidade da região do Cariri cearense. A sua população é formada na sua maioria por pessoas vindas de vários estados do Nordeste que movidas pela fé no referido padre se dirigem para esta localidade nos períodos das romarias e por aqui fixam morada. Por este motivo, tem tido destaque como um lócus privilegiado de expressões de cultura do povo nordestino.

O discurso da negação de uma população negra significativa se faz presente na região do Cariri cearense, sob o argumento de que as lavouras canavieiras possuíam consumo restrito ao Nordeste e que, portanto, não havia necessidade do trabalho cativo. Além disso, o Ceará carrega uma história de invisibilização do negro, discurso este alimentado pelo fato de ter abolido a escravidão em 1884, quatro anos antes em relação aos demais estados brasileiros, daí decorre a idéia de que não tivemos uma população significativa de escravizados e, portanto, “O Ceará não tem negros”.

As reflexões levantadas por esta pesquisa contrastam com a produção de parte da historiografia cearense, incluindo boa parte das obras dos intelectuais ligados ao Instituto Cultural Cearense (RAIMUNDO GIRÃO, 1900-1988; CARLOS STUDART FILHO, 1896-1920; PAULINO NOGUEIRA, 1842-1908; BARÃO DE STUDART, 1856-1938), ao levantar uma bibliografia de historiadores¹ (CAMPOS, 1982; FUNES *apud.* SOUZA, 2004; RIBEIRO,

¹ Dados do censo de 1818 mostram que em uma população de 125.878 habitantes, os brancos constituíam 34% (43.457), pretos e mulatos livres, 56% (70.038) e os índios 10% (12.383). Neste ano os municípios de Crato e Jardim, localizados na região do Cariri somam juntos 32.822 habitantes, tendo apenas 5,3% de pessoas brancas, e em Quixeramobim pretos e mulatos livres juntos formavam 73,4% e os brancos 26,6%. O censo de 1991 continua mostrando o mesmo perfil étnico dos censos anteriores, com uma significativa presença indígena. A população total é de 6.366.647, sendo: Branca – 1.867.160; preta – 187.750; parda – 4. 290.828; amarela – 4.066; indígena – 2.692 e sem declaração – 13.617. (FUNES, *apud.* SOUZA, *op. cit.*). Atualmente o IBGE indica que a população negra cearense é superior a 60% (PETIT, 2007).

1995; SANTOS e SANTOS, 2006; RATTS, 1996) que demonstram que o nosso Estado desenvolveu uma estratégia de invisibilização do negro e que a mão-de-obra escrava esteve presente tanto nos espaços rurais como nos espaços urbanos, além disso, estatísticas comprovam que a população afrodescendente no Ceará sempre foi superior à branca.

A região do Cariri, localizada na região Sul do Estado do Ceará, foi destaque pela forte cultura canavieira utilizada na produção de rapadura e aguardente. Esses engenhos evoluíram e expandiram-se marcado pelo trabalho escravo utilizado para triturar a cana em moendas de pau. A cidade de Barbalha se transformou na “Capital da Rapadura” chegando a alcançar uma produção de 300.000 cargas deste produto. Ao lado desse fato é importante destacar que a região possui várias comunidades remanescentes de quilombos, localizadas nos municípios de Crato, Jati, Salitre, Araripe e Porteiras.

No que se refere ao município de Juazeiro do Norte, nos faltam informações mais detalhadas sobre o trabalho escravo, as condições de vida dessas pessoas e as suas formas de organização, no entanto, essa pesquisa pôde constatar que a população negra tem estado presente nessa localidade desde a sua origem. População esta proveniente, na sua maioria, de vários lugares do Nordeste, que tem se instalado nos bairros periféricos da cidade e, quando chega o período das romarias se aglomeram nas ruas principais da cidade, ganhando a vida como vendedores ambulantes e dando visibilidade às suas manifestações culturais.

No presente artigo buscamos estabelecer a relação da população negra com o município de Juazeiro do Norte. Tal estudo se justifica pela necessidade do registro da história e da memória desse povo na formação desta cidade, fato que não pode ser desconsiderado pela educação local.

AS ORIGENS DO MUNICÍPIO

Queiroz (2008, p. 171), reporta-se ao Padre Antônio Vieira quando este descreve o surgimento desta cidade:

Mas o Vale Caririense se vai estendendo, na largueza das suas várzeas iridentes, para estreitar-se aos poucos quilômetros de distância, apertando entre um outeiro elevado e sobranceiro, atualmente chamado Horto, e uma lombada de terras vermelhas, arenosas, pedregosas, de vegetação acanhada e rasteira, que os antepassados com muita propriedade chamavam de Tabuleiro Grande, em contraste com as terras ferazes Ribeirinha do Rio Salgadinho.

Anterior à chegada do Padre Cícero² nesta localidade no ano de 1872, Juazeiro do Norte, então Sítio Tabuleiro Grande, era ponto de encontro de vários viajantes que por aqui passavam e paravam para descansar e alimentar os animais nas sombras dos frondosos juazeiros. Muitos desses passavam a morar neste município e formaram as principais populações deste povoado. “Juazeiro passou a ser o ponto de convergência de gente pobre e simples, de homens incultos e miseráveis [...]” (SOARES, 1968, p. 30).

O Padre Pedro Ribeiro Monteiro ergueu sua casa nesta localidade dando ao povoado o nome de Sítio Joaseiro. A pedra fundamental da Capela de Nossa Senhora das Dores é lançada em 1827 e a denominação da povoação de Joaseiro é dada em 1835. (QUEIROZ, 2008). Até então Juazeiro era distrito do município do Crato, conquistando a sua emancipação política somente em 1911.

O Padre Cícero atraiu um grande contingente de pessoas vindas na sua maioria dos sertões semi-áridos. Muitos desses romeiros passaram a residir em Juazeiro do Norte provocando um crescimento urbano que a transformou na maior cidade do interior cearense. Os fatos ocorridos na “Vila do Joaseiro”³ são descritos por Della Cava (1976), como responsáveis pelo crescimento econômico da região a partir do impacto causado pela afluência de romeiros. Esta região vai ser considerada posteriormente como “o celeiro do Nordeste”.

Segundo Oliveira (2001, p. 159), “Romeiros vindos de Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte para aqui se dirigiam atraídos pelas virtudes do Pe. Cícero. Vinham alguns com plano de ficar aqui residindo”. Estes também chegavam fugindo da seca dos sertões semi-áridos. Fenômeno que influenciou especialmente as cidades mais próximas, como Crato e Barbalha.

A cidade de Juazeiro do Norte tem tido um crescimento vertiginoso e desordenado, fato este que tem resultado em várias áreas onde a miséria é uma realidade. São moradias sem

² Padre Cícero Romão Batista nasceu na Antiga Vila Real do Crato no dia 24 de março de 1844. Quando chegou em Juazeiro em 1872, o local era um pequeno aglomerado humano ao redor de uma capela. A pedido dos moradores passou a ser o vigário da cidade tornando-se posteriormente um personagem importante para a história desse lugar. Embora não tenha sido o fundador do povoado, no sentido de iniciador, foi sem dúvida o seu “inventor”, do ponto de vista econômico, político, social e da sua identidade cultural. (GRANJEIRO, 2002).

³ No dia 1º de março de 1889 um fato transformou a rotina do lugar. No momento em que a Beata Maria de Araújo recebia a hóstia do Padre Cícero não pode degluti-la, pois a mesma se transformou em sangue. O acontecimento foi interpretado pela população como um derramamento de sangue de Jesus, um milagre, chamando à atenção de jornalistas, antropólogos e pesquisadores que têm produzido uma extensa literatura sobre o assunto. O fato fez crescer ainda mais a fé do povo nordestino no Padre Cícero e tem atraído pessoas de todos os lugares do Brasil que no período das romarias chegam à Juazeiro para orar, fazer e pagar promessas. (*id. ibid.*).

condições de segurança, homens e mulheres desempregados, bairro sem esgotos canalizados, o que agravam os problemas de saúde. Em bairros como: João Cabral, Horto, Mutirão e outros, a presença afrodescendente é marcante. Estas populações têm sido empurradas para as periferias da cidade, nas quais a violência é crescente e as condições de vida são precárias.

Segundo Queiroz (2008), o comércio e as indústrias artesanais transformaram-se nas principais atividades econômicas do Juazeiro. Sob o incentivo do Padre Cícero eram fabricadas louças de barro, panelas, cutelaria, sapatos, objetos de couro, chapéus, esteiras de fibras vegetais, cordas, barbantes, sacos e outros receptáculos para estocar e expedir gêneros alimentícios. Além da manufatura de fogos de artifício, imagens de santo de madeira, barro, crucifixo e medalhas de latão, prata e ouro, rosário, escapulários e “santinhos”. Na opinião de Araújo (2005, p. 66): “O crescimento urbano se sobrepôs às atividades rurais e a ocupação do espaço da então vila assumiu configurações modernas, oferecendo infra-estrutura e serviços, incrementando o comércio local”.

A construção da estrada de ferro, em 1926, também foi responsável pelo seu crescimento, uma vez que permitia a integração social e a distribuição equitativa de bens materiais e imateriais do país e região. Atualmente o comércio juazeirense representa 70% do PIB local.

HISTÓRIA E MEMÓRIA DA POPULAÇÃO NEGRA EM JUAZEIRO DO NORTE-CEARÁ

No local onde ficava o sítio Tabuleiro Grande, um dos primeiros moradores desta cidade, o Brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro, construiu sua fazenda. Segundo Oliveira (2001, p. 42), “Em torno espalharam-se os mocambos dos escravos, esparsos entre as terras onde na época do inverno faziam os roçados de milho, arroz, feijão e mandioca”.

Nessa localidade, onde se percebia um aglomerado de gente muito pobre, era criado em 1856 a primeira escola-régia, sob a coordenação do Padre Antônio Almeida. A primeira escola primária de Juazeiro do Norte é criada em 1860. Oliveira (*op. cit.*) registra que com a construção da capela de Nossa Senhora das Dores, o seu primeiro capelão, o Padre Pedro Ribeiro de Carvalho, já havia iniciado um trabalho sócio-educativo no pequeno povoado, reunindo alguns meninos da sua família e os filhos dos escravos que eram alfabetizados e recebiam a doutrina cristã.

Esse pequeno núcleo se formou ao redor da capela de Nossa Senhora das Dores,

erigida pelo proprietário do sítio o padre Pedro Ribeiro da Silva Monteiro. Interessante notar o que descreve Amália Xavier de Oliveira no livro *O Padre Cícero que eu conheci*: “O Padre Pedro era muito zeloso; cuidava dos poucos habitantes daquela aldeia, na maioria escravos de sua família, catequizando-os, ensinando-lhes a rezar e a trabalhar” (OLIVEIRA, 2001, p. 52). E ainda, “Os habitantes eram, na sua maioria, realmente escravos, ‘cabras desordeiros’ entregues ao vício da embriaguez e ao samba” (*id. ibid.*, p. 55). A autora afirma que: “Todos ali aprendiam o Catecismo, rezavam e trabalhavam orientados pelo Padre que não permitia a promiscuidade tão comum, naquela época, entre escravos e senhores” (*ibidem*, p. 52).

Na descrição da autora, percebemos a forma pejorativa como se refere à população negra local, tratando-as como “cabras desordeiros”. Antes e depois da abolição o negro foi desestruturado socialmente e as idéias disseminadas por eles eram de um ser que representava ameaça aos cidadãos. O preconceito e a discriminação raciais têm servido ao longo dos anos como obstáculo na luta pela afirmação da identidade cultural da população negra. Após a abolição da escravatura as idéias que disseminaram eram de um ser que representava ameaças. Sobre a origem do Juazeiro, Sobreira (1969, p. 21), relata:

Se excluirmos uma dúzia de famílias morigeradas, quase todas residentes nos arredores, não mentirei sustentando que a população local se compunha, geralmente, de verdadeira escória social, constituída de analfabetos e também de desordeiros, entregues à indolência, à embriaguez, e não raro, à feitiçaria.

Segundo o professor Renato Dantas, um estudioso da cultura cariense, a formação da população juazeirense está diretamente ligada à presença de seis famílias de ex-escravos:

A formação da população de Juazeiro era provinda de seis famílias de escravos, fora as famílias tradicionais: Gonçalves, Bezerra de Menezes, etc, etc. Três ou quatro. E essas seis famílias de escravos modificou a formação do núcleo inicial do povoado e eles faziam samba, seria o samba? O samba que a gente teria compreensão hoje? Não é esse samba que ta aí na televisão, mas o samba enquanto advinda da cultura negra.

Sobre este assunto, Oliveira (*op. cit.*) relata que em 1856 morreu o Padre Pedro e deixou todos os seus escravos libertos. No entanto, nas suas cartas de alforria pedia-lhes para trabalhar sem capelinha, sem receber numerário, sempre que necessário. Na descrição da autora, apesar dos novos padres serem zelosos e piedosos não se entenderam com os descendentes de escravos, os quais não os temiam. Estes não os obedeciam e passaram a organizar os sambas que geralmente terminava em pancadaria, “faca fora”, morte.

Na sua concepção, as festas transformaram-se na mais criminosa promiscuidade, onde senhores e escravos se confundiam. Assim, a polícia local e o Padre Cícero que havia

chegado na cidade em 1872, passam a perseguir os dançantes e proibir a dança no centro da cidade, daí eles procuraram outros lugares onde pudessem se reunir. “No local mais ou menos onde está colocada a estátua do Padre, atualmente, havia um cajueiro frondoso, onde era costume reunirem-se senhores e escravos, brancos e pretos, para os tais sambas que já não podiam fazer no povoado” (OLIVEIRA, 2001, p. 63).

Não temos registro em Juazeiro do Norte sobre a existência de irmandades negras. No entanto, segundo o senhor Renato Dantas existiu em Juazeiro uma capela dedicada a Nossa Senhora do Rosário:

A segunda capela do Juazeiro que era a capela do cemitério ficava na Rua Nova, na rua Dr. Floro, quase de frente o que é hoje o Dom Pires. Ali era o cemitério e tinha a igreja do Rosário e todos nós sabemos que quando era Nossa Senhora do Rosário, era Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, como era chamado. Então veja o negócio do samba, das seis famílias de escravos porque no cemitério foi Nossa Senhora do Rosário, eu tenho a impressão que é essa a ligação do negro com o núcleo inicial do Juazeiro.

Oliveira (*op. cit.*, p. 43), ao tratar sobre a chegada da imagem de Nossa Senhora das Dores nesta cidade, trazida de Portugal, também se refere à existência desta capela ao qual o entrevistado faz referência: “Com esta imagem veio também a de Nossa Senhora do Rosário que foi entregue aos escravos, ficando na capelinha do cemitério”. No entanto, faltam-nos informações mais precisas sobre a presença de uma irmandade negra neste município, como também das formas de organização desta população de escravizados.

As irmandades que mais se falam neste lugar são as que foram trazidas pelo Padre Cícero, a do Coração de Jesus fundada por ele em 1888, de São Vicente de Paula, e outras onde viviam beatos e beatas na sua maioria negros/as, seguidoras deste padre.

[...] a irmandade do Rosário dos Pretos, isso não existiu, que eu saiba não, pelo menos registro não tem, mas eram basicamente, por exemplo, a irmandade do Sagrado Coração de Jesus era de mulheres solteiras que basicamente quase todas eram negras, Maria de Araújo, Beata Mocinha [...] eram mulheres negras, a maioria dos beatos eram negros, os beatos do Padre Cícero quase todos com exceção do beato Elias, beato José, e o resto eu acho que todos eram negros (RENATO DANTAS-DEPOIMENTO).

Na produção cinematográfica de Wolney Oliveira intitulado: *O milagre em Juazeiro*, percebemos a relação entre o fato da beata Maria de Araújo ser mulher e negra e as perseguições sofridas conseqüentes do fenômeno da hóstia transformada em sangue. Num contexto marcado pela imagem masculina e branca, estas personagens tornam-se coadjuvantes, negam-lhes a sua participação como agente histórico no contexto sócio-religioso da cidade de

Juazeiro do Norte. Na descrição feita por Anselmo (1968, p. 75), a beata apresentava as seguintes características:

Apresentando o estigma da fusão de três raças, Maria de Araújo era o tipo clássico da mestiça, com predominância do negro, pois o negro era o pai, oriundo, sem dúvida, da senzala do Padre Ribeiro, enquanto a mãe provinha do branco e do índio. A mais célebre beata do Juazeiro, de acordo com os autores que a conheceram de perto, era de altura mediana e tinha os seguintes sinais característicos: cabeça pequena e arredondada; cabelos quase carapinhos, cortados à escovinha; testa estreita e protuberante; olhos pequenos e sem brilho; lábios grossos e relaxados; nariz de asas achatadas e molares e maxilar inferior salientes. O pescoço, bem proporcionado, emergia de ombros quase em forquilha, disfarçado pelo hábito negro da beata. Joaquim Pimenta que a viu em 1901, fez-lhe o perfil numa linha, mas com exatidão fotográfica: ‘Uma mulatinha franzina, linfática, cabelo cortado rente, feia, vulgar. Tão insignificante e tão famosa! [...]’.

Também há registro na história do Juazeiro de uma senhora chamada Tereza Maria de Jesus, mais conhecida como “Tereza do Padre”. Esta nasceu escrava em 1850 e foi entregue com seis anos de idade à família do Padre Cícero juntamente com sua mãe em pagamento de uma dívida. “Minha mãe e eu fomos entregues pelo nosso primeiro senhor, Ioiô Candeia por conta de uma dívida a Ioiô Romão, (O pai do Padre Cícero) que logo nos deu a carta de alforria” (OLIVEIRA, 2001, p. 324).

Segundo esta mesma autora, estas foram libertas, mas não deixaram de viver como boas servas. Tereza foi descrita como uma escrava fiel e dedicada, uma ótima doméstica no serviço do lar e amiga incondicional de todos os sacerdotes a quem os tratava com grande respeito o que a levou ao hábito de não sentar-se na presença deles; falava-lhes sempre de pé. Na concepção de Oliveira: “A bem da verdade vai aqui este esclarecimento acerca da serva fiel que mesmo com a sua carta de alforria, preferiu continuar a serviço dos mesmos senhores até o último que foi o seu jamais esquecido ‘Senhorzinho’, o Pe. Cícero [...]” (*id. ibid.* p. 326-7).

Renato Dantas se refere ainda a um negro de nome Palmeira que teria sido o responsável pela construção imaginária do Horto, lugar considerado sagrado pelos milhares de romeiros que todos os anos visitam esta cidade onde se encontra a estátua do Pe. Cícero.

Um mulato aqui, você já fica sabendo que não é mulato, é um negro. Mulato com nome de Palmeira que vivia fazendo samba no Juazeiro. Um dia foi acabar o samba, levou uma pisa da polícia, desmaiou e acordou preso e quando ele foi solto desapareceu. Apareceu construindo o Santo Sepulcro e o Horto. Quando fala a construção não é a construção física, a construção imaginária do Horto, que é as grutas, e os montes, e os nomes, então esse homem negro foi basicamente o criador do imaginário do Horto. [...] Ele e um beato por nome Manoel João, que eu nunca vi nenhuma referência se ele era preto ou se ele era branco, morreram os dois lá no Santo Sepulcro. Tem o túmulo do Manoel lá no Santo Sepulcro.

Estes fatos demonstram que a população afrodescendente está presente neste município desde o seu surgimento. População esta advinda de vários estados do Nordeste, dentre eles, Pernambuco, Alagoas, Bahia, Paraíba e que tem influenciado a cultura local. Como marca dessa cultura temos no município vários grupos de reisado, manifestação de base africana fortemente presente em toda a região do Cariri, além da influência na religiosidade.

Nesse sentido, ligado ao catolicismo fortemente presente e a crescente expansão das igrejas evangélicas, encontramos a presença significativa de religiões de matriz africana como a umbanda e o candomblé, especialmente nos bairros periféricos da cidade. Para Assunção (2004, p. 87): “O campo religioso juazeirense apresenta uma multiplicidade de elementos constituintes, indígenas, católicos e afro-brasileiros, transformando-os num processo dinâmico, com a incorporação de diferentes crenças”. Segundo o depoimento de um dos moradores da cidade:

Aqui, de candomblé mesmo que eu saiba que tem, do meu conhecimento, eu só conheço três. Que eu sei que é de candomblé mesmo. Tem um que fica no Parque Triângulo, só que eu não tenho contato com o dono da casa. Tem um outro que fica aqui no João Cabral. Outro que fica no bairro Romeirão. Ah! De Umbanda tem inúmeros. Eu sei que tem.

Pesquisa realizada por Silva e Domingos (2008) levanta que Juazeiro do Norte possui oito casas de candomblé, sendo que a mais antiga possui trinta anos. Destas casas de culto, sete são da nação Angola e uma da nação Keto, todas tendo como raízes de referência o Estado da Bahia. Conforme o entrevistado geralmente não se fala desse assunto na cidade, o que demonstra o grande preconceito com as religiões de matriz africana e a tentativa de invisibilizá-las. A referida pesquisa também faz referência a esse fato, ao dar destaque a pouca receptividade da sociedade juazeirense a essas casas, destaca ainda que as entrevistas realizadas revelaram que é constante a presença de policiais nesses ambientes; em algumas situações chegam a exigir o encerramento das atividades sob a alegação de que estariam desrespeitando as leis do silêncio.

Esse cenário traz à tona a história de uma população que tem sido mantida na invisibilidade. Os estudos sobre o município têm se voltado na sua maioria para as questões religiosas envolvendo o Padre Cícero e a beata Maria de Araújo, faltando informações mais detalhadas sobre a influência afrodescendente na localidade e sua relação com a cultura local. O trabalho na sociedade juazeirense tem contado com a forte participação do povo negro. São trabalhadores que na sua maioria vivem da produção artesanal e do comércio local. Atividade que estão diretamente ligadas ao fenômeno das romarias.

Consideramos ainda que, o sistema educacional juazeirense não pode ficar alheio às estas questões. É parte das necessidades curriculares ora colocadas em torno do seu redimensionamento de forma a contemplar a participação das várias etnias na produção histórico-cultural brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Juazeiro do Norte, considerada berço da cultura nordestina, tem tido destaque no Ceará em consequência dos milhares de romeiros que todos os anos se dirigem para esta cidade movidos pela fé no Padre Cícero. Apesar de ser um local de uma grande riqueza cultural, no que se refere à superação do preconceito racial, quase nada avançou sendo esta uma realidade ainda muito presente na vida da população negra residente neste município e que se estende por toda a região do Cariri cearense. Por outro lado, ainda são escassas as pesquisas com foco na história e cultura africana e afrodescendente gerando uma lacuna no conhecimento sobre a realidade local. Além de ser muito forte a idéia de que a influência africana nas terras cearenses não foi significativo.

Uma das contribuições desse estudo foi desmentir tal ideologia. Levantamos fatos históricos e culturais ligados ao cotidiano da população afrodescendente local, o que nos chama a atenção para a necessidade de outros trabalhos que tragam informações sobre a participação desse povo não somente nesse município, mas no Estado do Ceará como um todo. Tal necessidade se justifica pela constatação da ausência desses conteúdos nos programas curriculares locais, o que tem deixado uma lacuna muito grande na formação das crianças e jovens que freqüentam as escolas juazeirenses e tem invisibilizado a história de atores sociais importantes para o desenvolvimento do Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANSELMO, Otacílio. **Padre Cícero**: mito e realidade. Edição Ilustrada/Editora Civilização Brasileira, 1968.

ARAÚJO, Maria de Lourdes de. **A cidade do Padre Cícero**: trabalho e fé. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005 (Tese de Doutorado).

ASSUNÇÃO, Luiz. Padre Cícero no imaginário umbandista. *In.*: **Anais do III Simpósio Internacional sobre o Padre Cícero do Juazeiro**: e... quem é ele? Dumoulin, A. Guimarães, A. T.; Forti, M. C. P. (Ed.). 18 a 22 de julho. Juazeiro do Norte, 2004.

CAMPOS, Eduardo. **Revelações das condições de vida dos cativos do Ceará**. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1982.

DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Joazeiro**. Tradução de Maria Yedda Linhares. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

GRANJEIRO, Cláudia Rejanne Pinheiro. **O discurso religioso na história de Juazeiro do Norte**. Crato: A Província Edições, 2002.

PETIT, Sandra Haydée. Por que ser favorável às cotas. *In.*: **O Povo**. Fortaleza, 15 de abril de 2007.

QUEIROZ, Zuleide Fernandes de. **Em cada sala um rosário, em cada quintal uma oficina**: o tradicional e o novo na história da educação tecnológica no Cariri cearense. Fortaleza: Edições UFC, 2008.

RATTS, Alecsandro José Prudêncio. **Fronteiras invisíveis**: territórios negros e indígenas no Ceará. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/Departamento de Geografia – USP, 1996. (Dissertação de Mestrado).

RIBEIRO, Rosa Maria Barros. **Negros do trilho e as perspectivas educacionais**. Fortaleza: Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira/Universidade Federal do Ceará-UFC, 1995. (Dissertação de Mestrado).

SANTOS, Cícero Joaquim dos; SANTOS, Diego César. A presença negra em Porteiras. *In.*: **Raízes/Instituto de Memória do Povo Cearense (IMOPEC)**. Ano 15, nº. 53, p. 4-8. Fortaleza: jan./mar. 2006.

SILVA, Joselina da; DOMINGOS, Reginaldo Ferreira. As religiões afro-brasileiras na voz das mulheres lideranças em Juazeiro do Norte. *In.*: **IX Encontro Nacional de História Oral**: testemunhas e conhecimento. São Leopoldo: UNISINOS/Rio Grande do Sul: Oikos, 22 a 25 de abril de 2008.

SOARES, Douracy. **O Cariri**: Crato – Juazeiro do Norte: estudo de geografia regional. Crato: Faculdade de Filosofia do Crato, 1968.

SOUZA, Simone de. (org.). **Uma nova história do Ceará**. 3. ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004.